

EDITORIAL

O POEMA NARRATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Ao ouvir o canto de Fêmio sobre o malogro do retorno dos aqueus após a Guerra de Troia, Penélope abandona o tear e dirige-se ao salão, onde seus pretendentes escutam o *aedo* durante o banquete. Contristada, a senhora de Ítaca pede a Fêmio que escolha outro tema, pois aquele canto a remetia à ausência de Odisseu, cujo destino permanecia desconhecido. Diante do lamento e do pedido da mãe, Telêmaco intervém, argumentando que o *aedo* não é responsável pelos acontecimentos que narra, e afirma: “o homem mais aplaude o poema inédito/ ressoando em seu ouvido” (Homero, 2014, Canto I, vv. 351-352). Na sequência, Telêmaco relativiza a dor particular da mãe, defendendo que é necessário encorajar o coração e o ânimo para escutar o que narra o *aedo*, “pois não só Odisseu privou-se do retorno,/ mas numerosos gregos mortos pelos troicos” (Homero, 2014, Canto I, vv. 354-355).

A cena do Canto I da *Odisseia* permite destacar dois movimentos: o da novidade e o da ampliação do particular ao coletivo. Ao contrariar Penélope, Telêmaco valoriza o canto que é recebido como “novo” pela audiência, isto é, aquele que ainda não se tornou familiar pela repetição e que, por isso, preserva o frescor capaz de despertar maior interesse entre os ouvintes. Ao mesmo tempo, sua intervenção expande o alcance do canto de Fêmio para além da ausência do grande herói de Ítaca, situando seu destino em um quadro coletivo de perdas e retornos interrompidos.

Como observa João Adolfo Hansen, “a novidade antiga efetua o retorno de todo o sistema retórico-poético de preceitos na nova espécie produzida pela combinação de formas já conhecidas” (2008, p. 23). Nesse sentido, o “inédito” a que se refere o herdeiro de Odisseu não corresponde às noções modernas de ineditismo e originalidade. Ainda assim, a capacidade de uma matéria conhecida soar de modo renovado diante dos ouvintes permite aproximar essa cena das transformações posteriores do poema narrativo. Se, para

Hansen (2008), a epopeia se torna um “gênero morto” a partir da segunda metade do século XVIII, outras configurações do poema narrativo continuam a se desenvolver sob novas condições históricas e estéticas. Ao encontrar outras formas de narrar, esses poemas também renovam o interesse por uma tradição com a qual estabelecem aproximações, deslocamentos e reconfigurações.

É o que também se pode observar na relação entre indivíduo e coletividade. Hansen observa que, na epopeia, a matéria é “antes de tudo coletiva”, de modo que “a imaginação do narrador transcende a experiência individual do poeta” (Hansen, 2008, p. 40). Esse princípio já não se mantém nos mesmos termos na modernidade. Com a revolução romântica, lembra o autor, os antigos códigos retóricos, imitativos e prescritivos dão lugar a critérios expressivos e descritivos que “subjativou todas as artes” (Hansen, 2008, p. 20). A centralidade crescente do indivíduo, contudo, não implica o desaparecimento do coletivo. Desfeitas as condições históricas e políticas que sustentavam a epopeia, essa dimensão passa a ser construída de outras maneiras, muitas vezes a partir da experiência singular, na qual se tornam visíveis as transformações sociais e políticas de cada tempo.

Diante disso, os artigos reunidos neste dossiê oferecem um panorama diversificado das formas assumidas pelo poema narrativo em língua portuguesa, acompanhando objetos que vão do século XVIII à contemporaneidade. As análises abordam tanto a permanência e a transformação de procedimentos ligados à tradição épica quanto o diálogo da narratividade poética com outras formas e gêneros, como o poema herói-cômico, o romanceiro, a rapsódia e o samba-enredo. Ao longo desse percurso, entram em cena questões relacionadas à oralidade, à constituição de personagens e às ações, à fragmentação narrativa, à citacionalidade, às relações entre poesia e outras linguagens e às diferentes maneiras pelas quais os poemas respondem aos contextos históricos, sociais e culturais em que são produzidos.

Abrindo o dossiê, o artigo “‘De fracos cidadãos o preço inútil’: urbanidade e maledicência em *O Desertor*, de Silva Alvarenga”, de Samuel Carlos Melo, volta-se para o poema herói-cômico publicado em 1774, ainda inserido nas convenções retórico-poéticas

do século XVIII. A análise observa os efeitos morais e satíricos produzidos pela figuração de Gonçalo e Tibúrcio, examinando como o poema articula filosofia moral, comédia e sátira no contexto da reforma pombalina dos estudos.

Em seguida, “Eugénio de Castro, um poeta narrativo no auge do Simbolismo”, de Felipe Frasson Fusco, desloca a discussão para o final do século XIX e o início do XX, examinando uma vertente menos explorada da obra do poeta português. O artigo mostra como Eugénio de Castro, apesar de associado a uma estética frequentemente compreendida pela primazia do lírico, dedicou parte significativa de sua produção à narrativa em verso. Ao percorrer poemas de diferentes momentos de sua trajetória, o estudo identifica recursos por meio dos quais procedimentos narrativos e líricos se articulam, problematizando, assim, fronteiras rígidas entre esses modos de composição.

O terceiro artigo, “Cecília e Mário: um romanceiro, uma rapsódia e o ouvido”, de Paola Resende, aproxima *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, a partir da retomada moderna de formas narrativas ligadas à tradição oral. A autora destaca os circuitos de escuta, transmissão e preservação das narrativas nas duas obras e argumenta que romanceiro e rapsódia não são simplesmente reproduzidos em um novo tempo, mas transfigurados em um horizonte marcado pela escrita, pela circulação impressa, pela consciência da ficcionalidade e pela centralidade da subjetividade autoral.

Já “‘Venha a mim o reino destruído’: visões narrativas do Apocalipse em *jeremias o louco*, de José Agostinho Baptista”, de Nuno Miguel Neves, situa a discussão na poesia portuguesa da década de 1970. Publicado em 1978, *jeremias o louco* é analisado como um poema narrativo longo, composto por 31 seções e organizado sob os signos da viagem e do Apocalipse. O estudo relaciona sua construção às transformações literárias ocorridas no contexto posterior à Revolução de 25 de Abril de 1974 e investiga as diferentes genealogias que atravessam o poema, entre elas a Bíblia, o Modernismo e a Geração Beat, destacando processos de intertextualidade, fragmentação e reconfiguração da narratividade.

Na sequência, “A resignificação do épico em *Yacala*, de Alberto da Cunha Melo”, de Érica Ribeiro Dourado e Kelcilene Grácia, examina o poema publicado em 1999 a partir das relações que estabelece entre elementos épicos, líricos e narrativos. A análise se detém tanto na construção temática da obra quanto em sua organização formal, especialmente na “retranca”, forma criada pelo próprio poeta, além da métrica, das rimas, do *enjambement* e de outros recursos sintáticos e estilísticos que o estruturam.

Essa trajetória chega às experiências poéticas mais recentes em “Citacionalidade e narratividade no poema ‘Extremo ocidente’, de Marcos Siscar”, de Raísa Gonçalves Faeti e Rodrigo Garcia Barbosa. O estudo analisa o poema de Siscar em sua relação citacional e intermediática com o filme *Paterson*, de Jim Jarmusch, e com o poema longo homônimo de William Carlos Williams. A partir desse cruzamento entre poesia, cinema e outras formas de escrita, os autores mostram como a citacionalidade interfere na constituição da narratividade do poema, desestabilizando sujeito, tempo e espaço e produzindo uma narração que se desdobra pelas diferentes obras que convoca.

Encerrando o dossiê, “A Rainha de Ramos conta suas histórias: o samba-enredo épico da Imperatriz Leopoldinense”, de Émile Cardoso Andrade, amplia a discussão para as relações entre poema narrativo, música, performance e cultura popular. A autora analisa três sambas-enredo da Imperatriz Leopoldinense, apresentados nos carnavais de 2008, 2023 e 2025, concentrando-se particularmente na fábula do herói e na elocução sublime. O samba-enredo é pensado, assim, como uma forma contemporânea que atualiza e subverte elementos associados ao épico, deslocando-os para o universo coletivo do Carnaval e para histórias que transitam entre personagens históricos, cultura popular e pertencimento comunitário.

Na seção *Vária*, o número apresenta “Óstrakon oridiano: escrita da brevidade na poética de Orides Fontela”, de Benedito Costa Neto e Eduardo de Lima. O ensaio investiga a brevidade como aspecto marcante da escrita de Orides Fontela, aproximando sua poesia, com as devidas diferenças, de diversas tradições e autores que também fizeram da condensação uma característica de sua linguagem. A imagem do óstrakon, fragmento

que remete a uma totalidade ausente, orienta uma reflexão sobre a concisão da palavra poética e sobre as possibilidades de leitura que se abrem a partir dela.

Por fim, há uma coincidência que reconduz esta apresentação à cena que a abriu. No mesmo ano em que se publica este dossiê, a *Odisseia* ganhou uma nova adaptação cinematográfica, dirigida por Christopher Nolan. No início de setembro, mês de publicação deste dossiê, o filme já havia ultrapassado US\$ 1,6 bilhão em bilheteria mundial. No Brasil, até o final de agosto, sua arrecadação se aproximava de R\$ 120 milhões. Independentemente da recepção crítica do filme de Nolan, o interesse provocado pela adaptação alcançou também o poema de Homero, desencadeando um aumento expressivo nas vendas das edições impressas. Nos Estados Unidos, por exemplo, as vendas já acumulavam crescimento de 76% no ano. Evidentemente, o “novo” que se apresenta aos espectadores de 2026 não é o mesmo a que se refere Telêmaco, pertencente a outras condições de produção, circulação e recepção do canto. Ainda assim, os números tornam particularmente sugestiva a coincidência: uma nova forma de apresentar uma matéria conhecida desperta o interesse de outros públicos e, ao mesmo tempo, pode conduzi-los de volta ao texto que a antecede. Esperamos que os artigos deste número produzam efeito semelhante.

REFERÊNCIAS

HANSEN, João Adolfo. Introdução: Notas sobre o Gênero Épico. In: TEIXEIRA, Ivan (org.). *Épicos*: Prosopopeia; O Uruguai; Caramuru; Vila Rica: A confederação dos Tamoios. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. p. 15-91.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014.

Kelcilene Grácia¹

Markus Klaus Schäffauer²

Samuel Carlos Melo³

¹ Professora Associada da área de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do *Campus* de Três Lagoas (UFMS/CPTL), atuando na graduação e na pós-graduação em Letras. Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: kelcilene.gracia@ufms.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7141-3289>.

² Professor da Universität Hamburg, vinculado ao Institut für Romanistik, Fachbereich Sprache, Literatur, Medien II, Hamburgo, Alemanha. E-mail: markus.schaeffauer@uni-hamburg.de. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3018-4587>.

³ Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás (UEG), atuando no curso de Licenciatura em Letras (Câmpus Oeste - UnU Iporã) e no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI - Câmpus Cora Coralina). E-mail: samuel.melo@ueg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0965-0283>.